



RESENHA

USARSKI, Frank. A identidade da ciência da religião. São Paulo: 70, 2023. 121 p. ISBN 978-655-42-7200-1

Fábio L. Stern*

Continuação “espiritual” da obra *Constituintes da ciência da religião* (Usarski, 2006) – “espiritual” não em um sentido religioso, mas no sentido de que a nova obra mantém a mesma característica da obra supramencionada –, o livro *A identidade da ciência da religião* apresenta seis textos de Frank Usarski, cientista da religião alemão radicado no Brasil, sobre o que constitui a ciência da religião enquanto ciência da religião. Dos artigos selecionados, quatro foram lançados em outros lugares, e dois textos são inéditos.

Os dois textos inéditos são textos curtos, constituindo a introdução e o apêndice da obra. A introdução, em especial, é a de maior peso para estudantes de ciência da religião. Em seu artigo *A “tradição da segunda ordem” como fonte identitária da ciência da religião*, lançado originalmente como artigo de um dossiê da revista *Interações* (PUC-Minas) sobre “epistemologias” dos estudos da religião, Usarski apresenta uma tradução livre do termo “*second order tradition*”, o qual não é comum ainda em discussões sobre a ciência da religião brasileira. Na introdução do livro, ele corrige isso, explicando aos leitores o que significa uma “tradição de segunda ordem”, que diz respeito à teoria de grupos da matemática, mas que passou a ser utilizado pelas humanidades europeias para explicar níveis de compreensão que demandam abstração extra em relação à compreensão de “primeira ordem”, ou seja, que precisaria transcender essa primeira delimitação para atingir o nível de reflexão desejado.

O artigo da *Interações* aparece como primeiro capítulo, onde Usarski defende que o que constitui a identidade central da ciência da religião é transcender a “primeira ordem”, ou seja, o mero pensamento mais imediato sobre a religião (ênico/teológico). O cientista da religião alemão considera existir uma tradição de pensadores que pensam pela “segunda ordem”, e que essa tradição oferece a base teórica e metodológica que orienta e sustenta a disciplina. A “tradição da segunda ordem”, assim, referir-se-ia a um trabalho coordenado de cientistas da religião que integra escolas de interpretação, métodos de abordagem e legados acadêmicos, proporcionando uma memória viva compartilhada, essencial para a coesão e continuidade da disciplina, garantindo que seus membros compreendam e apliquem métodos e perspectivas de maneira consistente e reflexiva. Além disso, como qualquer empreitada intelectual, Usarski entende que a “tradição da segunda ordem” não se perpetua naturalmente, mas depende da consciência

* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP, São Paulo-SP). Professor do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0001-5642-0299 – contato: flstern@puosp.br

coletiva dos membros da disciplina. Em outras palavras, uma mudança no estilo de pensamento, que optasse por se acomodar na “primeira ordem”, poderia matá-la. A manutenção dessa “tradição de segunda ordem”, portanto, seria vital para que a ciência da religião continue a evoluir como uma disciplina autônoma e bem definida dentro do contexto acadêmico.

O segundo capítulo, escrito em parceria com a antropóloga alemã Astrid Reuter, foi originalmente publicado aqui na REVER, e consolida uma posição já bastante conhecida de Usarski: estabelecer fronteiras para a ciência da religião, diferenciando-a da teologia. Assim, é um artigo que vem complementar as discussões apresentadas no primeiro capítulo, mas deixando mais claro que aquilo que se pretende superar é o pensamento confessional, teológico, religionista. Os alemães criticam a fenomenologia clássica da religião, repetindo o que Usarski (2007) já apresentava em seu livro *Constituintes da ciência da religião*, de que a fenomenologia da religião pretende-se como ciência, mas na verdade ela é uma forma de teologia disfarçada, muito mais pautada na irracionalidade do que em algo científico. Eles apontam alguns problemas da fenomenologia da religião, como a busca por uma universalidade religiosa que acaba por ignorar as idiosincrasias culturais e históricas das diversas formas religiosas, mas poderiam ir além e identificar que esse tipo de pensamento é uma forma de colonialismo que coloca a experiência religiosa europeia, cristã, como o pináculo e o modelo ideal de religião. A dúvida maior, entretanto, aparece a respeito da defesa que os dois fazem de que a ciência da religião é multidisciplinar, um tipo de argumentação que talvez faça sentido aos interlocutores alemães, mas que confunde os leitores brasileiros. Usarski é historicamente conhecido por defender que ciência da religião é uma disciplina singular (portanto não “ciências” da religião, no plural), mas ao mesmo tempo apresenta uma argumentação, desde a época em que organizou a obra *O espectro disciplinar da ciência da religião* (Usarski, 2006), de que a ciência da religião teria como “subdisciplinas” a antropologia da religião, a sociologia da religião, a economia da religião e assim por diante, exatamente o mesmo argumento que os defensores das “ciências” da religião utilizam para justificar o plural na nomenclatura para a área. Para o leitor brasileiro, esse tipo de argumento pró-multidisciplinar parece contradizer a defesa de Usarski por uma ciência autônoma e não plural. Se a área é constitutivamente multidisciplinar, não seria mais lógico dizer, então, que a ciência da religião é um campo disciplinar formado por várias ciências, as “ciências” da religião? Por seu posicionamento histórico, sabemos que Usarski considera que não. Entretanto, ao leitor que tem acesso apenas a esse texto, parece que o alemão abre uma possibilidade de se pensar no oposto do que ele historicamente defendeu, não explicando como uma disciplina autônoma é, ao mesmo tempo, multidisciplinar sem se constituir plural de várias disciplinas/ciências outras.

A segunda metade do livro é constituída por dois capítulos sobre ciência da religião aplicada, com textos originalmente apresentados no Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA) – evento organizado em parceria entre os programas de ciência da religião da PUC-SP e PUC Goiás. O primeiro texto é uma resposta ao posicionamento de Udo Tworuschka a respeito da ciência da religião aplicada (traduzida erroneamente como “ciência prática da religião” nos textos de Tworuschka). Conforme fica claro no segundo capítulo, Usarski é um crítico do método fenomenológico, considerando que

ele cruza as fronteiras disciplinares entre teologia (primeira ordem) e ciência (segunda ordem). Entretanto, Tworuschka vem de uma tradição que considera a prática profissional de cientistas da religião pautada especificamente na fenomenologia da religião, apresentando como idealizadores autores dessa escola de pensamento. Usarski critica Tworuschka principalmente em dois aspectos centrais. Em primeiro lugar, ele questiona a adequação teórica e a coerência lógica da proposta de Tworuschka, argumentando que a abordagem falha ao não diferenciar adequadamente entre os diferentes contextos do trabalho acadêmico: o contexto da descoberta, o contexto da justificação e o contexto da utilização. Usarski defende que seu colega alemão compromete a integridade intelectual da ciência da religião ao negligenciar esses aspectos e misturar as funções heurísticas dos diferentes momentos do processo científico. Além disso, Usarski aponta para a unilateralidade da argumentação de Tworuschka, que como vários outros fenomenólogos, favorece a perspectiva da sociedade majoritária, cristã, ignorando as complexidades e os dilemas pragmáticos e conceituais que surgem ao tratar de questões religiosas delicadas. Usarski sugere que a proposta de Tworuschka pode minar o próprio fundamento teórico da ciência da religião ao não respeitar a indiferença ideológica e a descrição dos objetos de estudo com distanciamento metodológico, características que ele considera essenciais para a disciplina.

Por fim, o último capítulo apresenta um questionamento importante a respeito do futuro da profissionalização de cientistas da religião. Se os cursos querem formarem egressos que não apenas ficarão a mercê de vagas no magistério, mas que possam contribuir socialmente com outras aplicações práticas de sua ciência, desafios significativos para a formação de cientistas da religião precisam ser superados, principalmente devido à necessidade de equilibrar nos currículos a pesquisa acadêmica tradicional com a aplicação prática do conhecimento em contextos extra-acadêmicos. Segundo Usarski, essa aplicação prática pode ser vista como uma expansão da funcionalidade normal da ciência da religião, que vai além do ambiente acadêmico para contribuir com questões sociopolíticas e pragmáticas da sociedade. Isso exige uma reorganização curricular que inclua tanto o desenvolvimento de habilidades práticas quanto a manutenção dos fundamentos epistemológicos tradicionais da disciplina. Ademais, há uma dificuldade em integrar as múltiplas demandas sociopolíticas e culturais com o rigor acadêmico necessário, o que pode levar a um possível enfraquecimento da disciplina se essa integração não for feita de maneira cuidadosa. O desafio reside, portanto, em preparar os estudantes para atuar fora do ambiente acadêmico sem comprometer a qualidade e a integridade da ciência da religião enquanto uma disciplina crítica e analítica.

Considerando, assim, o teor dos textos selecionados para este volume, conclui-se que a obra aborda questões importantes da identidade – tal como preconizado no título da obra –, mas também do posicionamento profissional e da utilidade de pessoas formadas em ciência da religião. Questões de fundo que são suscitadas por essa obra são: (1) O que é um cientista da religião? (2) Para que serve a ciência da religião? (3) Que perfil de egressos os programas pretendem formar e lançar ao mercado? (4) O que faz a ciência da religião ser ciência da religião? Assim, embora seja uma obra breve, com pouco mais de 100 páginas, as discussões apresentam um grau de profundidade que exige releitura de alguns textos para uma compreensão mais ampla das ideias do

autor. Pode-se dizer que o livro condensa um pensamento bastante maduro de Usarski a respeito da própria disciplina, fruto de anos de atuação enquanto cientista da religião, tentando responder a demandas bastante específicas do cenário brasileiro da ciência da religião em diálogo com o cenário mais amplo da Alemanha e Europa. Assim, é uma obra recomendada para qualquer curso introdutório sobre a disciplina.

Referências

USARSKI, Frank. *Constituintes da ciência da religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Submetido em: 31/07/2024

Aprovado em: 09/08/2024

Conflito de interesses: O autor faz parte da comissão editorial da REVER. Apesar disso, sua resenha foi avaliada, passando por processo de avaliação duplo-cego, tal como esperado de qualquer outra submissão da revista.

Editor responsável: Silas Guerriero